



OS ESTUDOS LITERÁRIOS E SUAS CIRCUNSCRIÇÕES DISCIPLINARES

Roberto Acízelo de Souza

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Universidade Federal Fluminense

Resumo: Na sua história de dois mil e quinhentos anos, os estudos literários, não obstante a multiplicidade das orientações em que se ramificam, apresentam basicamente dois padrões quanto ao seu *status* disciplinar: tendem ora a definir-se como disciplina específica, ora como convergência de disciplinas.

Palavras-chave: Estudos literários; Status disciplinar.

Abstract: In their two thousand and five hundred years history, literary studies, despite the multiplicity of orientations into which they branch out, basically present two patterns regarding their disciplinary status: they tend to define themselves as a specific discipline, or as a convergence of disciplines.

Keywords: Literary studies; Disciplinary status.

1

Curiosamente, se nos ativermos a dois momentos extremos da longa trajetória dos estudos literários no Ocidente – o tempo de Platão e a nossa atualidade –, vamos encontrar uma coincidência. O filósofo grego sustenta que a poesia não se enquadra em nenhuma especialidade, e um manifesto dos anos 1990 de uma influente instituição

acadêmica norte-americana, cujo ponto de vista ainda hoje predomina nas universidades mundo afora, afiança que a literatura só é passível de ser conhecida mediante uma composição de saberes que transcenda as especializações.

Com a palavra, cada uma dessas vozes:

[...] quando alguém nos anuncia que encontrou um indivíduo conhecedor de todas as profissões e de tudo que se possa saber [isto é, um poeta, que, como Homero, fala de assuntos os mais diversos em suas narrativas: guerra, administração de cidades, práticas médicas, educação, etc.], e isso com a proficiência dos maiores *especialistas*, seremos levados a suspeitar que falamos com um tipo ingênuo e vítima [...] de algum charlatão [...], e que se o tomou por sábio universal foi apenas pelo fato de ser incapaz de fazer a distinção entre o conhecimento [e] a ignorância [...] (Platão, 2000, p. 438; grifo nosso).

O fenômeno literário já não é o foco exclusivo da nossa disciplina [estudos literários]. De preferência, os textos literários são agora abordados como uma prática discursiva entre muitas outras, num campo de produção cultural complexo, mutante e frequentemente contraditório. Esse campo desafia a própria noção de interdisciplinaridade, à medida que as disciplinas foram historicamente construídas a fim de fragmentar o campo do conhecimento em territórios manejáveis submetidos a *especialidades* profissionais (The Bernheimer Report [1993], 1995, p. 42; trad. nossa; grifo nosso).

Como se vê, ambas as passagens ressaltam o déficit de especialização no que concerne à poesia/literatura. No entanto, divergem num ponto: ao passo que no diálogo platônico censura-se o discurso poético por não ser especializado, no “Relatório Bernheimer” exalta-se o “fenômeno literário” justamente por ser dotado dessa característica. E, claro, segundo se rebaixa ou se exalta o objeto – poesia/literatura –, o seu estudo, ou não teria nenhuma dignidade, ou, admitindo-se tacitamente que tenha, deveria ser conduzido num ambiente conceitual alheio às especialidades, situado até mesmo mais além da noção de interdisciplinaridade (trans-, pluri-, multidisciplinaridade?).

A perspectiva platônica, de desvalorização da poesia como fonte de conhecimento – e, pois, sua impugnação como objeto de estudo –, obviamente não triunfou, não obstante, como se sabe, tantos discursos em sua defesa – alguns célebres, como o de Sidney (século XVI) e o de Shelley (século XIX) –, sinal claro da persistência de certa reserva contra a arte poética e seus cultores, isto é, os próprios poetas e seus estudiosos. De qualquer modo, derrubado o veto de Platão, os estudos literários prosperaram. Talvez seja produtivo examinar como estes, em sua longa duração, oscilaram entre o apreço e o despreço pela especialização, tanto como fundamento da

prática dos escritores quanto como requisito para o exercício dos teóricos, analistas e historiadores da literatura.

2

No segmento antigo da tradição literária, começa a revelar-se tendência no sentido de que as artes verbais se desenvolvam num âmbito disciplinar próprio, que aos poucos vai-se autonomizando em relação à filosofia. Aristóteles escreve dois tratados específicos sobre essas artes, *Retórica* e *Poética*, e Dionísio da Trácia (século II/I a.C.), por sua vez, inscreve a crítica (literária) como parte da gramática:

A gramática é o conhecimento daquilo que é dito por poetas e prosadores. Suas partes são seis: primeiro, acurada leitura conforme a prosódia; segunda, explicação conforme os tropos poéticos; terceira, comentário dos sentidos e questões obscuras; quarta, descoberta da etimologia; quinta, as regras da analogia; sexta, crítica dos poemas, que é a mais bela de todas as partes da gramática (Dionísio Trácio, 2002, p. 123; trad. nossa).

Assim, gramática, retórica e poética se configuram como disciplinas especializadas, sistematizando regras que tanto orientam a composição de obras literárias de gêneros diversos como instrumentalizam os que se dedicam a analisar e proferir juízos de valor sobre tais composições.

Desponta, porém, ainda na Antiguidade, uma quarta disciplina dedicada ao estudo das letras: surge quando se impõe na sociedade e na cultura a necessidade de preservar textos antigos, salvando-os da deterioração material por meio de técnicas de restauração, reprodução em cópias e classificação. Tratava-se, pois, como diríamos hoje, de um trabalho de edição de materiais escritos, que implicava também o acréscimo de comentários aos originais, destinados a elucidar formas de linguagem obsoletas ou alusões a fatos pouco conhecidos da média de leitores, envolvendo geografia, história, religião, ciências, etc., que, como sabemos, usualmente ocorrem em textos dos vários gêneros. Essa disciplina, já prefigurada na terceira parte da gramática conforme as distinções de Dionísio Trácio – “comentários dos sentidos e questões obscuras” –, veio a chamar-se *filologia*. Embora sua motivação central seja o estudo dos discursos escritos – daí seu nome, que etimologicamente pode-se interpretar como “devoção à palavra” –, seu escopo, se não chega propriamente a extrapolar o âmbito da especialidade, pelo menos tangencia os mais variados campos de outros saberes.

Essa configuração antiga dos estudos literários, como um consórcio de disciplinas afins e intercomplementares, constituído por gramática, retórica, poética e filologia, persistiria na Idade Média e no Classicismo. No século XVIII, enfim, um ramal novo da filosofia, nomeado pelo neologismo erudito *estética*, veio a acrescentar-se ao quarteto. Propunha-se estudar a sensibilidade, como via de conhecimento distinta do intelecto, e teve nas artes em geral e na poesia em particular um campo fértil para suas especulações. Desse modo, não só não comprometeu a especialização disciplinar dos estudos literários, mas até mesmo a reforçou, já que o chamado “julgamento estético” implicava conceber os poemas como objetos de “contemplação desinteressada”, isto é – entenda-se –, de reflexão interessada tão somente na própria tessitura verbal do poema, alheia, por conseguinte, a quaisquer remissões que sua linguagem fizesse a fatos ou relações da alçada de conhecimentos não estritamente literários, ou, mais exatamente, a partir de então, estético-literários.

2

Reação a esse estado de coisas viria somente no século XIX. Veja-se, por exemplo, a declaração de princípios de Georg Gottfried Gervinus (1805-1871), na sua *História da Literatura Poética Nacional dos Alemães* (1835-1842):

Não tenho a ver com o julgamento estético das coisas, não sou um poeta, nem um crítico das Belas-Letras. [...] [O historiador] não mostra um poema, mas a produção de todos os produtos poéticos a partir de uma época, do círculo das ideias, coisas e destino; ele comprova o que corresponde a isso ou o contradiz, procura as causas, os modos de ser e seu efeito [...] (apud Zilberman, 2006, p. 274).

Outro exemplo dessa mesma reação encontramos em Émile Hennequin (1859-1888). Esse autor propõe a criação de uma nova disciplina na qual se diluíssem os estudos de literatura e demais artes, disciplina que nomeia com o rótulo de *estetopsicologia*, mas, reconhecendo o caráter “desgracioso” dessa palavra, concede que ela seja chamada *crítica científica*. Tal disciplina, segundo a definição de Hennequin, abandonaria completamente os principais fundamentos antigos e clássicos dos estudos literários, isto é, a gramática, a retórica, a poética e a filologia. Verdade que conserva, no seu projeto, um papel para a estética, se bem que apenas preambular:

Se a estopsicologia é obrigada a partir de determinadas considerações da estética, o é apenas a título de dados preliminares, precisamente como a física pura se serve das leis da mecânica. Por outro lado, tendo de determinar dum modo preciso e individual a natureza do espírito do artista que quer conhecer, a estopsicologia vê-se obrigada a recorrer às noções gerais fornecidas pela psicologia acerca da inteligência humana e, consagrando-se ao destrinçamento dos grupos naturais de homens a que um artista pode servir de tipo, vê-se também forçada a apelar para a sociologia e para a etnologia (Hennequin, 1894 [1888], p. 22; trad. nossa).

Em síntese, no século XIX, os estudos literários apresentaram tendência à desespecialização, como constata um dos seus praticantes oitocentistas entre nós, José Veríssimo (1977 [1899], p. 16-17; grifo nosso):

Uma das características dos tempos em que vivemos, é o espírito científico que *desespecializando-se*, se me permitem a feia palavra, buscou penetrar do seu hábito todas as concepções humanas. A mesma arte e a literatura do século XIX estão entranhadas dele. A crítica o está mais ainda, tendo pedido à história, à sociologia, à moral, à fisiologia, à psicologia, o seu concurso, às ciências de observação e experimentação, à biologia, à sociologia, como à crítica superior, à exegese religiosa ou clássica, os seus métodos e regras.

3

A partir de fins do século XIX e início do XX, porém, a roda dessa história gira de novo. Tanto no campo da composição literária como nos estudos a ela dedicados – seria difícil dizer quem toma a iniciativa em cada uma dessas duas instâncias –, a linguagem torna-se o centro das atenções, a linguagem em si mesma, nas suas articulações internas, e não por suas capacidades de expressão e referência. Sustenta um poeta que “[...] absolutamente não é com ideias que fazemos versos... É com palavras” (Mallarmé, apud Valéry, [193-], p. 99), enquanto um *scholar* postula que a poética (tomando esse termo como equivalente de estudos literários) é uma subdivisão da linguística: “A Poética trata dos problemas da estrutura verbal, assim como a análise da pintura se ocupa da estrutura pictorial. Como a Linguística é a ciência global da estrutura verbal, a Poética pode ser encarada como parte integrante da Linguística (Jakobson, 1970 [1960], p. 119).

Nova onda de especialização, portanto; certamente, não mais baseada na gramática, na retórica, na poética e na filologia, mas na linguística estrutural, disciplina que, no Novecentos, recolhe e recicla os conceitos e métodos daquelas antigas disciplinas dos discursos. Não é à toa, pois, que um texto seminal dos estudos literários do século XX, ao reclamar para estes um *status* disciplinar específico (isto é,

especializado), sustenta a necessidade de “[...] uma certa continuidade em relação à poética e à retórica” (Wellek; Warren, 1962 [1949], p. 9).

4

Não tardaria, contudo, uma espécie de fastígio da especialização nos estudos literários, cujos sinais já se percebem lá pelos anos 1980. Um professor norte-americano sintetiza essa transformação:

[...] textos de fora do campo dos estudos literários foram adotados por pessoas dos estudos literários porque suas análises da linguagem, ou da mente, ou da história, ou da cultura, oferecem explicações novas e persuasivas acerca das questões textuais e culturais. [...] um grupo ilimitado de textos sobre tudo o que existe sob o sol, dos problemas mais técnicos da filosofia acadêmica até os modos mutáveis nos quais se fala e se pensa sobre o corpo (Culler, 1999, p. 13).

A essa espécie de amálgama de especialidades diversas, que “[...] inclui obras de antropologia, história da arte, cinema, estudos de gênero, linguística, filosofia, teoria política, psicanálise, estudos de ciência, história intelectual e sociologia” (Ibid., p. 13), o autor chama teoria, [...], “não teoria da literatura [...]”; apenas ‘teoria’ pura e simples” (Ibid., p. 11) – o que (acrescentamos nós) constitui uma solução terminológica extravagante, pois, salvo demonstração em contrário, não existe teoria sem objeto, sendo assim difícil conceber o que seria uma “teoria pura e simples”.

Esse movimento, que ao mesmo tempo desespecializa de novo os estudos literários e implica a extensão da ideia de literatura até a sua diluição em produtos de natureza vária e híbrida – cinema, música, artes plásticas, publicidade, comportamentos, *performances* orais, jogos eletrônicos, etc. –, tem sido em geral saudado nas universidades mundo afora, ainda que contestado por vozes minoritárias. Dessas duas atitudes – a recepção irrestrita e calorosa, ou restritiva e crítica – em relação a esse estado de coisas depende a imagem que se pode ter hoje do estudioso de literatura (ou das manifestações estendidas ou diluídas desta), que acredito bem caracterizadas, certamente de modo involuntário, por letras de canções respectivamente de 1984 (“Nada tanto assim”, de Bruno Fortunato e Leôni) e 2002 (“Nada sei”, de Geraldo Israel e Paula Toller), cantadas pelo Kid Abelha: faz bem ou não habitar uma zona de turbulências crônicas da sensibilidade e do intelecto (da existência, em suma, se não for muito dramático)?

Destaco os versos em questão de cada uma das canções:

[...]
Eu tenho pressa
E tanta coisa me interessa,
Mas nada tanto assim.
[...]
Eu sei de quase tudo um pouco e quase tudo mal.
[...]
Nada sei dessa vida,
Vivo sem saber,
Nunca soube, nada saberei.
Sigo sem saber

Que lugar me pertence
Que eu possa abandonar,
Que lugar me contém
Que possa me parar.

Sou errada, sou errante,
Sempre na estrada, sempre distante,
Vou errando enquanto o tempo me deixar,
Errando enquanto o tempo me deixa

Nada sei desse mar,
Nado sem saber
De seus peixes, suas perdas,
De seu não respirar.

Nesse mar, os segundos
Insistem em naufragar;
Esse mar me seduz,
Mas é só pra me afogar.
[...]

Referências

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Trad. e notas de Sandra Guardini T. Vasconcelos. São Paulo: Becca, 1999.

DIONISIO Tracio. *Gramática/Comentarios antiguos*. Introd., trad. y notas de Vicente Bécades Botas. Ed. trilingüe griego/latín/español. Madrid: Gredos, 2002.

FORTUNATO, Bruno; LEÔNI. *Nada tanto assim* [1984]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CDNh4UUJQnk>>. Acesso em: 12 abr. 2025.

HENNEQUIN, Émile. *La critique scientifique*. 3. ed. Paris: Didier Perrin, 1894 [1888].

ISRAEL, George; TOLLER, Paula. *Nada sei* [2002]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y5IcaylFkR0>>. Acesso em: 12 abr. 2025.

JAKOBSON, Roman. Linguística e poética [1960]. In: _____. *Linguística e comunicação*. Pref. de Isidoro Blinkstein. Trad. de Isidoro Blinkstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970. p. 118-162.

PEACOCK, Thomas Love; SHELLEY, Percy Bysshe. *As quatro idades da poesia/Defesa da poesia*. 2. ed. rev. Trad., apres. e notas de Roberto Acízelo de Souza. Belo Horizonte: Relicário, 2025.

PLATÃO. *A república* ou Sobre a justiça, gênero político. Tradução direta do grego de Carlos Alberto Nunes. Coordenação de Benedito Nunes. 3. ed. rev. Belém: Edufpa, 2000.

SIDNEY, Philip. *Defesa da poesia*. Trad., apres. e notas de Roberto Acízelo de Souza. São Paulo: Filocalia, 2019.

THE BERNHEIMER report [1993]. In: BERNHEIMER, Charles (Org.). *Comparative literature in the age of multiculturalism*. Baltimore; London: The Johns Hopkins University Press, 1995. p. 39-48.

VALÉRY, Paul. Degas et le sonnet. In: _____. *Degas, danse, dessin*. Paris: Gallimard, [193-]. p. 96-100.

VERÍSSIMO, José. A crítica literária [1899]. In: BARBOSA, João Alexandre (Sel. e apres.). *José Veríssimo: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1977. p. 11-17.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. Trad. de José Palla e Carmo. Lisboa: Europa-América, 1962 [1949].

ZILBERMAN, Regina. Teoria da literatura, universidade e sujeito da enunciação. In: JOBIM, José Luís et al. (Org.). *Lugares dos discursos: literários e culturais...* Niterói: Eduff, 2006. p. 264-286.

Roberto Acízelo de Souza é doutor em Letras/Teoria da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1980) e fez estudos de pós-doutorado na área de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo (1994-1995). É Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professor visitante do Programa de Estudos Literários da Universidade Federal Fluminense. Bolsista de produtividade nível 1 A do CNPq, dedica-se à Literatura Brasileira e à Teoria da Literatura, com interesse especial na história e nos fundamentos conceituais dos estudos literários, bem como na historiografia da literatura brasileira.

Artigo recebido em 13/04/2025.

Aprovado em 14/04/2025.